

EDUCAÇÃO E CULTURA POPULAR NO CENTRO CULTURAL RAÍZES DO MARABAIXO EM MAZAGÃO VELHO-AP

Delcirene Videira da Silva¹
Eugénia da Luz Silva Foster²
Elivaldo Serrão Custódio³

Resumo: O presente artigo tem como objetivo analisar as interfaces entre os saberes culturais e a Educação Popular no Centro Cultural Raízes do Marabaixo (CCRM), localizado em Mazagão Velho-AP, com ênfase nas práticas e atividades desenvolvidas junto às crianças. Trata-se de um estudo de caso de abordagem qualitativa, que utilizou como instrumentos de coleta de dados entrevistas semiestruturadas, observação participante, registros fotográficos, depoimentos e rodas de conversa. Os resultados evidenciam que o CCRM constitui-se como espaço de referência para a preservação e transmissão dos conhecimentos culturais de Mazagão Velho, ao promover vivências que integram crianças do Grupo Infantil Raízes do Marabaixo em processos de aprendizagem intergeracional. Nesses contextos, as crianças não apenas participam de práticas culturais, mas também constroem sentidos sobre identidade, pertencimento e valorização dos saberes locais. Os relatos infantis destacam o CCRM como um espaço dinâmico de experiência cultural, no qual o marabaixo se manifesta em sua pluralidade por meio da música, da dança e da improvisação dos versos, configurando-se como prática educativa e de fortalecimento da memória coletiva.

Palavras-chave: Marabaixo; cultura; ensino; criança; Mazagão Velho-AP.

-
- 1 Mestranda em Educação pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Membro do Grupo de Pesquisa Educação, Interculturalidade e Relações Étnico-Raciais (UNIFAP/CNPq). E-mail: videiradelcirene@gmail.com Orcid:<http://orcid.org/0000-0001-5589-0432>
- 2 Doutora em Educação pela Universidade Federal de Fluminense (UFF), com pós-doutorado em Educação pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Professora associada da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Atua no Mestrado em Educação (PPGED/UNIFAP) e no Doutorado em Educação da Amazônia (EDUCANORTE). Líder do Grupo de Pesquisa Educação, Interculturalidade e Relações Étnico-Raciais (UNIFAP/CNPq). E-mail: daluzeugenia6@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0807-0789>
- 3 Doutor em Teologia pela Faculdades EST, em São Leopoldo/RS. Pós-doutor em Educação pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Professor Adjunto da Universidade do Estado do Amapá (UEAP). Professor no Mestrado Profissional em Matemática da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Líder e fundador do Grupo de Estudos e Pesquisas em Etnomatemática, Cultura e Relações Étnico-Raciais (GEPECRER). E-mail: elivaldo.pa@hotmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2947-5347>

-- ARTIGO RECEBIDO EM 24/05/2025. ACEITO EM 20/10/2025. --

EDUCATION AND POPULAR CULTURE AT THE RAÍZES DO MARABAIXO CULTURAL CENTER IN MAZAGÃO VELHO-AP

Abstract: This article analyzes the interfaces between cultural knowledge and Popular Education at the Raízes do Marabaixo Cultural Center (CCRM), located in Mazagão Velho, AP, with an emphasis on the practices and activities developed with children. This is a qualitative case study that used semi-structured interviews, participant observation, photographic records, testimonies, and discussion groups as data collection tools. The results demonstrate that the CCRM serves as a reference space for the preservation and transmission of Mazagão Velho's cultural knowledge, promoting experiences that integrate children from the Raízes do Marabaixo Children's Group into intergenerational learning processes. In these contexts, children not only participate in cultural practices but also construct meanings about identity, belonging, and the appreciation of local knowledge. The children's stories highlight the CCRM as a dynamic space for cultural experience, in which marabaixo manifests itself in its plurality through music, dance and the improvisation of verses, configuring itself as an educational practice and strengthening collective memory.

Keywords: Marabaixo; culture; education; children; Mazagão Velho-AP.

1 INTRODUÇÃO

Estudar os Saberes Culturais Tradicionais de Mazagão Velho-AP, que circulam no Centro Cultural Raízes do Marabaixo (CCRM) é ressignificar e valorizar esse espaço de Cultura Negra, construído pelos moradores da comunidade para manter viva as raízes de matriz africana, na esperança de salvaguardar a identidade cultural, desse território. Moura (2012), diz que é preciso refletir sobre a responsabilidade na manutenção da identidade étnica, preservando tradições africanas, dinamizando-as, elevando o status comunitário.

Dessa forma, o trabalho torna-se relevante no âmbito social, uma vez que, a pesquisa traz uma discussão importante a respeito dos saberes culturais no município de Mazagão Velho-AP e a relevância do CCRM, pela responsabilidade de está desenvolvendo um trabalho de valorização da identidade negra das crianças locais. Os centros culturais, são meios de resistência da cultura negra com atividades ligadas aos saberes e a cultura, que na informalidade relacionam-se com as políticas afirmativas para a População Negra.

Pinheiro (2023, p. 30) afirma que “a comunidade de Mazagão Velho como território de resistência, saberes, se transforma em um espaço propício para a afirmação da identidade cultural, étnica e a preservação das manifestações oriundas da ancestralidade”. Assim, o objetivo deste artigo é analisar os saberes culturais e suas interfaces com a Educação Popular no CCRM, em Mazagão Velho-AP, mais precisamente os saberes, fazeres culturais e as atividades que o Centro desenvolve com crianças.

A investigação tem como referência o Centro Cultural Raízes do Marabaixo, localizado em Mazagão Velho, distrito situado a aproximadamente 60 km da sede municipal, no estado do Amapá. A abordagem escolhida aproxima-se de um estudo

de caso qualitativo, conforme discutem Minayo (2011) e Lakatos e Marconi (2017). O tratamento dos dados foi conduzido à luz da proposta de análise de conteúdo, fundamentada nas contribuições de Bardin (2016).

Os instrumentos para a coleta de dados, foram entrevistas semiestruturadas, observação participante, registro fotográfico, depoimentos e rodas de conversa. Os participantes da pesquisa foram 13 no total, sendo 10 crianças com idades entre 10 e 12 anos, o coordenador do Centro Cultural e 02 professores da Escola Professora Agostinha Maria, mediante a participação voluntária dos envolvidos.

Sobre os procedimentos éticos, ressalta-se que a pesquisa seguiu todos os protocolos conforme a Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, que regula estudos envolvendo seres humanos no Brasil sendo aprovada pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (Plataforma Brasil) sob o n. 7.682.417. Os participantes foram informados sobre os objetivos da pesquisa, o caráter voluntário da participação e a garantia de anonimato. Um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi obtido com assinatura de todos, assegurando o cumprimento das exigências éticas.

2 A EDUCAÇÃO E A CULTURA POPULAR NO CENTRO CULTURAL RAÍZES DO MARABAIXO EM MAZAGÃO VELHO-AP

Segundo Pinheiro (2023), o CCRM, é um espaço comunitário de preservação da cultura negra. O Centro, “atua como um espaço que proporciona lazer, cultura, educação, entretenimento e que pode ser enquadrado nos direitos socioculturais que a comunidade negra reivindica, no que diz respeito a preservação de seus saberes e conhecimentos” (Pinheiro, 2023, p.52). Assim, o CCRM, vem contribuindo com a comunidade de Mazagão Velho-AP, para o fortalecimento, preservação da cultura negra mazaganense.

Gomes e Gomes (2019), no livro “Luz Banda Placa”, afirmam que em 2005, no âmbito do projeto *Emplacando*, foi iniciado no Centro Cultural Raízes do Marabaixo (CCRM) um trabalho voltado à formação de crianças e adolescentes, com ênfase no ensino sistemático do canto, da dança e da execução instrumental do Marabaixo e do Batuque. Como desdobramento dessa iniciativa, em 2008 foi lançado o segundo CD intitulado *Nossas Tradições*, interpretado majoritariamente por esse público infantojuvenil. Os autores também destacam que, em parceria com o Placa Esporte Clube, criou-se em novembro de 2006 a escolinha de voleibol Acendino Jacarandá, que atendeu aproximadamente 80 crianças e adolescentes.

Em 22 de fevereiro de 2010 teve início a primeira oficina de percussão, sob a coordenação de Jozué Videira (J.V.)⁴, com o apoio de monitores voluntários, entre eles Antônio José, Manoel Duarte, Rosângela, Magno e Paula. A atividade contou com ampla participação de crianças e adolescentes, que demonstraram engajamento e receptividade às orientações dos instrutores. Paralelamente, foi desenvolvida a oficina de musicalidade, conduzida pelos monitores Grilo, Álvaro, Álvaro Gomes e Diego Gomes.

Nessa direção, as oficinas de música, foram realizadas aos domingos pelo fato de os instrutores morarem em Macapá e não haver possibilidade de conciliar os horários das aulas durante os dias da semana. Mais uma vez, os participantes que marcaram presença nas oficinas de musicalização, foram as crianças e adolescentes. Nesse contexto, as ações e atividades comunitárias, foram realizadas em parceria com ponto de cultura, e componentes do grupo raízes do marabaixo e membros da comunidade de Mazagão Velho.

Figura 1 - Oficina de musicalidade



Fonte: Acervo pessoal dos autores, 2012.

As oficinas tiveram uma carga horária de 40 horas, com duração de duas semanas. O público alvo foram as crianças e a temática abordada; musicalidade no Brasil e no Amapá; prática da musicalização, músicas nacionais e regionais. Um dos objetivos desenvolver as habilidades indispensáveis de coordenação motora e sensibilidade auditiva das crianças e adolescentes. A oficina tinha como coordenação de Álvaro Gomes e J.V., instrutor: Edgar Augusto.

Segundo Silva (2005), a arte africana apresenta um ritmo intrínseco e significativo, que articula de maneira coesa todas as partes da obra. Dessa forma, cada

4 Jozué da Conceição Videira (57 anos) conhecido na comunidade como “Juca”, nascido em Mazagão Velho-AP, Brasil, em 26/09/1949. Coordenador do CCRM. Participa das festividades ao Divino Espírito Santo há mais de 30 anos. É produtor dos instrumentos de percussão ligados a cultura de Mazagão Velho como; caixa, tambor de marabaixo e batuque, reco-reco/pau de chuva e taboca. Realiza oficinas de máscaras em argila e percussão de marabaixo.

produção artística africana está impregnada de um ritmo portador de sentido, no qual os elementos se encontram ritmicamente interligados. Como enfatiza o autor: “[...] o ritmo dos instrumentos de percussão. O som dos tambores é linguagem: é a palavra dos antepassados, que falam através deles, fixando os ritmos fundamentais” (Silva, 2005, p. 136).

A oficina de percussão, iniciou no dia 16 de julho de 2012, em uma segunda-feira. Contou com a participação de 27 alunos inscritos, com temática voltada para os ritmos tradicionais mantidos pela própria comunidade, tendo o coordenador J.V. e apoio do instrutor Manoel Duarte.

A imagem abaixo registra as aulas de percussão e os jovens e crianças que marcaram presença na oficina. Vale ressaltar que, no contexto africano, determinados ritmos conseguem gerar um tipo específico de movimento e um certo nível de energia (Silva, 2005). É nesse ritmo contagiente de percussão de marabaixo e batuque que as crianças vão construindo a sua identidade cultural negra.

Figura 2 - Oficina de Percussão



Fonte: Acervo dos autores, 2012.

Gomes e Gomes (2019) destacam que foi implementada uma sala de laboratório de informática com o objetivo de promover oportunidades de inclusão digital para crianças, adolescentes e o público em geral. Em um momento posterior, a oficina foi novamente realizada, em 30 de julho de 2012, com aprofundamento em novas técnicas. As atividades ocorreram em três turnos: manhã e tarde destinados ao público infantil e adolescente, e noite voltada ao público adulto. O curso foi conduzido sob a direção de J.V. e Carlitão, com a atuação dos instrutores Antônio Carlos e Marques Cordeiro.

Figura 3 - Grupo Raízes do Marabaixo Infantil de Mazagão Velho em apresentação no ano de 2007



Fonte: Arquivo pessoal dos autores desse período.

A Figura 3 registra a primeira apresentação deste Grupo Raízes do Marabaixo Infantil, em 23 de janeiro de 2006, no aniversário de fundação de Mazagão Velho. Portanto, esta foi a primeira formação do grupo infantil, ocorrida em 2005. O CCRM atende um quantitativo de 100 pessoas, entre crianças e jovens, que participam de atividades oferecidas durante o ano todo. Nesse contexto, o CCRM se caracteriza como um espaço educativo não escolar, com interesse educativo Severo (2015). Esse modelo educativo é crucial para o trabalho educativo em prol dos meninos negros e meninas negras. Frequentemente, eles deparam com uma educação que não contempla a cultura negra. Nesse viés, o CCRM se revela como um importante espaço educativo, de desenvolvimento da cultura negra amapaense.

É inegável a importância do CCRM em Mazagão Velho-AP, para a continuidade e preservação das tradições, culturais. Sobre esse foco, mestre da tradição oral africana, Amadou Hampâté Bâ (2010, 169) diz que; “uma vez que se liga ao comportamento cotidiano do ser humano e da comunidade, a cultura africana não é, portanto, algo abstrato que possa ser isolado da vida”. Diante da visão do autor, negros e negras vistor a partir de sua própria história contadas por eles mesmos, e não por meio de uma concepção eurocêntrica e estereotípia ou folclorizada. Nessa direção, o CCRM, caminha, via ações educativas de predominância na tradição oral das tradições culturais de matriz ancestral.

Figura 4 – Composição do último Grupo Raízes do Marabaixo Infantil de Mazagão Velho



Fonte: Acervo dos autores, 2023.

A Figura 4 registra a composição do último Grupo Raízes do Marabaixo Infantil, em 25 de novembro de 2023. As crianças apresentaram-se com seus trajes de marabaixeiras, cantaram e dançaram com os visitantes ao som da caixa de marabaixo.

A dança do marabaixo é uma das manifestações presentes no CCRM. Durante os ensaios, elas aprendem a tocar as caixas e cantar os versos de marabaixo. Sempre que são convidadas a participar em eventos. Logo, o “Marabaixo, como conteúdo educacional, oportunizará aos educandos o conhecimento de outras formas de saberes, outras formas de ser/existir como sujeitos históricos, sociais e corpóreos [...]” (Videira, 2014, p.17).

Videira (2014) argumenta ainda que incluir o marabaixo como ferramenta educacional pode ajudar os estudantes a descobrir outras formas de saber e a compreenderem suas próprias identidades como seres históricos, sociais e corporais. Freire (2016; 2020) enfatiza que a escola e, especialmente, os educadores devem respeitar as condições culturais e a identidade dos alunos. Uma vez que, a educação como um ato político, nos desafia a refletir sobre seu propósito e a assumir a responsabilidade por sua capacidade de transformar ou reproduzir o mundo.

3 AS PRÁTICAS E AÇÕES EDUCATIVAS REALIZADAS NO CCRM COM AS CRIANÇAS

O CCRM configura-se como um espaço educativo essencial para a preservação e o fortalecimento da cultura negra amapaense, articulando saberes e práticas tradicionais a processos formativos comunitários. Brandão (1986) já destacava que a educação popular, historicamente, constituiu-se como uma alternativa pedagógica

de trabalho com os sujeitos e grupos populares em seus contextos de vida e de trabalho, envolvendo dimensões escolares e extraescolares. Nesse sentido, o CCRM materializa-se como um lócus de transmissão de saberes, memória e identidade.

A oficina de torração do cacau, narrada pelo coordenador J.V. (57 anos), ilustra como as práticas culturais se entrelaçam a dimensões de pertencimento e ancestralidade. O processo, que se inicia com a colheita e secagem dos grãos até a torração cuidadosa no forno, não apenas ensina técnicas culinárias, mas também resgata tradições vinculadas à Festa do Divino Espírito Santo.

Figura 5 – Torração do cacau para a Festa do Divino Espírito Santo



Fonte: Acervo dos autores, 2023.

O depoimento de J.V. revela a consciência de continuidade histórica: ao afirmar que “isso faz parte da nossa história de vida [...] é fundamental a gente manter isso vivo”, evidencia-se o que Hooks (2019), em *Olhares Negros*, denomina de pedagogia enraizada na experiência coletiva da comunidade negra, em que o ato de ensinar e aprender está intimamente ligado à valorização da identidade e da memória.

Nessa mesma direção, Bhabha (2019), em *O Local da Cultura*, aponta que os espaços culturais híbridos constituem interstícios em que identidades se recriam a partir do contato com práticas históricas. O CCRM, nesse sentido, é um espaço de reinscrição da cultura negra amapaense, onde práticas como a torração do cacau e a produção da bejucica se tornam rituais pedagógicos que reafirmam pertencimento e resistência cultural.

Figura 6 - Produção de Bejucica e cozimento no forno



Fonte: Acervo dos autores, 2023.

Os relatos de Tia Joca, ao narrar a fabricação da bejucica como tradição transmitida por mulheres de gerações anteriores, ressaltam o papel das figuras femininas na continuidade cultural. A centralidade da ancestralidade feminina dialoga com Nogueira (2020) e Custódio e Foster (2023), ao discutirem a intolerância religiosa e a resistência das práticas afro-brasileiras frente à deslegitimização histórica, apontam que a preservação dos saberes ancestrais é também um ato político de afirmação identitária.

As pesquisas acadêmicas sobre o Marabaixo, como as de Almeida (2024) e Madureira (2019), reforçam esse entendimento ao analisarem a potência educativa dessas manifestações culturais no Amapá. Tais estudos evidenciam que o Marabaixo, assim como as práticas alimentares aqui descritas, transcende a dimensão festiva e constitui um campo de formação identitária, de sociabilidade e de resistência da população negra.

No âmbito das práticas pedagógicas, Brandão (2000) reforça que “homens entre si se ensinam e aprendem”, sublinhando que a educação emerge nas relações de troca e convivência. Isso é visível na participação ativa das crianças nas oficinas, como no caso de Cadu, que se insere no processo comunitário ao lado dos adultos, demonstrando que a aprendizagem se constrói pela interação intergeracional. Assim, confirma-se o que Hooks (2017), em *Ensinando a Transgredir*, conceitua como uma pedagogia crítica, em que a experiência vivida e a prática comunitária tornam-se elementos centrais do processo educativo.

Dessa forma, o CCRM constitui-se não apenas como espaço cultural, mas como território pedagógico que articula práticas educativas não formais, sustentadas na ancestralidade, no pertencimento e na valorização da identidade negra. Como reforçam Pinheiro (2023) e Foster e Custódio (2024), essas práticas ampliam a discussão sobre os direitos de aprendizagem de crianças em comunidades

tradicionais e consolidam um conhecimento específico que fortalece os laços coletivos, tornando-se estratégias fundamentais de resistência e afirmação cultural.

3.1 O protagonismo das crianças no CCRM: vivências, experiência e identidade negra

O melhor caminho para a continuidade, preservação e proteção da Cultura, são as crianças” (J.V., Depoimento em 14/10/2024).

Com essa narrativa de J.V., um dos participantes desse estudo, iniciamos a discussão deste tópico, ressaltado a importância das crianças na cultura local e nos saberes e fazeres da comunidade de Mazagão Velho-AP. O depoimento sublinha a importância de incluir nos currículos e práticas educacionais de ensino formais e informais que conectem as crianças à sua herança cultural. A seguir, apresentaremos, as crianças protagonistas/participantes da pesquisa, o perfil socio histórico e cultural das crianças, as oficinas com as crianças realizadas na escola Agostinha Maria.

3.2 Perfil Socio Histórico e Cultural das Crianças Participantes

Os dados e os elementos coletados possibilitaram a construção do perfil sócio histórico e cultural das crianças participantes da pesquisa, o referido perfil ressalta aspectos da vida e informações individuais das crianças esses elementos trouxeram uma visão mais ampla da realidade da cultura e de sua relação com o Centro e com o Grupo Infantil Raízes do Marabaixo de Mazagão Velho-AP.

A partir dos cuidados éticos a que uma pesquisa científica deve ser submetida e das conversas estabelecidas com os responsáveis e com as crianças, os seus nomes foram preservados sendo substituídos por nomes fictícios, cuja escolha se deu em função do objeto de estudo. A escolha dos nomes fictícios trouxe à tona elementos das letras de marabaixo, como forma de homenagear as crianças que gostam de canta e dançar marabaixo como forma dá visibilidade ao protagonismo das crianças de Mazagão Velho-AP.

O Quadro 1 a seguir apresenta informações significativas das crianças participantes das oficinas e das rodas de conversas e seus nomes serão substituídos por palavras que compõe os ladrões de Marabaixo⁵. É pertinente destacar que todas as crianças participantes da pesquisa fazem parte do Grupo Infantil Raízes do Marabaixo de Mazagão Velho, estudantes da EMEF Profa. Agostinha Maria da Silva Penha.

5 Narrativa poética em forma de música do povo negro do Amapá. “[...] Os ladrões são versos roubados da memória por pessoas que têm habilidades com a rima. Na letra das cantigas do Marabaixo podemos perceber a presença de uma literatura afrodescendente” (Videira, 2020, p. 74).

Quadro 1 – Caracterização do perfil sócio histórico das crianças

PARTICIPANTE	IDADE	SEXO	ESCOLARIDADE	ORGANIZAÇÃO FAMILIAR
ROSA BRANCA	12 anos	F	5º ano	mora com os pais, irmã, sobrinho, avós, tio e tia
AÇUCENA	12 anos	F	5º ano	mora com a mãe, irmãos, sobrinhos e padrasto
LELÊ	10 anos	F	4º ano	mora com os pais, irmã, sobrinho, avós, tio e tia
MOÇA MORENA	10 anos	F	4º ano	mora com os pais, irmã, irmão
CAFUZA	12 anos	F	5º ano	mora com os pais, e irmãos
LÍRIO VERDE	10 anos	M	3º ano	mora com a mãe
OH NEGO	10 anos	M	3º ano	mora com os pais e irmãos
TALINA	10 anos	F	4º ano	mora com os pais, irmãos, sobrinha e cunhado
CURICA	10 anos	F	4º ano	mora com a mãe, padrasto, avó
RIO MUTUACÁ	10 ano	M	3º ano	mora com os pais e irmãos

Fonte: Elaboração própria, 2024.

As oficinas foram realizadas durante a semana do dia 22 a 26 do mês de outubro de 2024, na escola Agostinha Maria com 10 crianças participantes da pesquisa, (sete meninas e três meninos), as quais fazem parte do grupo infantil Raízes do Marabaixo de Mazagão Velho. Foi necessária ajuda do J.V. para conduzir as oficinas de confecção de máscaras da festa de São Tiago, percussão de Marabaixo e canto e dança de Marabaixo.

Antes de colocar as mãos na argila o oficineiro J.V., conversou com as crianças, sobre a importância das máscaras na festividade de São Tiago. Ali junto as crianças amassaram o barro para melhor modelagem, as crianças meteram as mãos no barro e fizeram suas produções seguindo o comando de J.V., como mostra a imagem a seguir.

Figura 7 - Oficina de máscara da Festa de São Tiago



Fonte: Acervo dos autores, 2024.

Durante as oficinas, foi possível observar a participação e envolvimento das crianças muita energia e disposição, falavam ao mesmo tempo, e pediam atenção do J.V. o tempo inteiro, o desafio era construir um rosto uma moldura. Cada criança criou a sua conforme sua imaginação. A confecção das máscaras demandou mais tempo, foram três dias para moldar e colagem com tiras de papéis e secagem das máscaras até o ponto ideal para a pintura. Durante esse contato com argila, as crianças se divertiram muito e foram moldando até o formar um rosto. Na etapa da pintura eles foram dinâmicos e cada um usou sua criatividade. Usaram tonalidades e variedades de cores, tudo para deixar as máscaras bonitas e coloridas.

Figuras 8 e 9 - Pintura das máscaras e resultado final



Fonte: Arquivo dos autores, 2024.

Esse momento exigiu muita concentração, a pintura é a parte de acabamento da máscara. A oficina não beneficia somente as competências artísticas, como também as crianças aprendem sobre suas raízes culturais de Mazagão Velho, sobre a importância desses saberes culturais para a construção da identidade negra das crianças. Essa percepção é reforçada também por meio das vozes das crianças que participaram da oficina como se ver trechos abaixo:

[...] professora ensinou a gente fazer máscara de barro ela explicou também, que nós viemos da África e que a gente aqui em Mazagão Velho é rico de cultura (Cafuza, 12 anos).

A minha máscara eu vou dar de presente para o meu pai pra ele brincar na festa de Sá Tiago (Moça Morena, 10 anos).

Por fim, essas reflexões, apoiadas também nas vozes das crianças observadas nos permite identificar as interações entre a criança e os saberes culturais tradicionais através de prática artística e do brincar as crianças constroem seus conhecimentos sobre a cultura que foi herdada pelos antepassados. Logo, conforme Moura (2012) quando expressa que a cultura africana ancestral é um esforço dos negros e negras para preservar a identidade étnica em comunidades rurais negras.

Na oficina percussão de Marabaixo, foi apresentado os instrumentos que são utilizados nas festividades de Nossa Senhora da Piedade e Senhora da Luz, como tambores e tabocas. E ainda as caixas de marabaixo, essa eles conhecem e sabem tocar. A imagem abaixo, mostra a hora do intervalo da oficina, onde as crianças se reuniram e fizeram uma percussão de marabaixo.

Figura 10 - Roda de percussão e canto das crianças



Fonte: Arquivo pessoal dos autores, 2024.

É perceptível afinidade das crianças com os instrumentos, caixas e baquetas realizaram rapidamente um som de percussão acompanhada com uma taboca ou (pau de chuva), e as cantoras soltaram a voz nos ladrões de marabaixo. Moura

(2012), descreve que esses instrumentos de percussão são frequentes na África e em muitos lugares no Brasil. Aqui em Mazagão Velho, os/as caixeiros (as), tocam com baquetas, em festas do Divino ao dançarem o marabaixo. Logo, conforme Videira (2014, p.16), Marabaixo é uma “[...] dança de base africana e afrodescendente, dança tradicional, festiva e religiosa, dentro da filosofia do catolicismo de preto é coisa séria é tradição [...]”. isso as crianças expressam muito bem na intimidade com a caixa de marabaixo, como mostra a imagem a seguir:

Figura 11 – Toque da caixa na oficina de percussão de Marabaixo



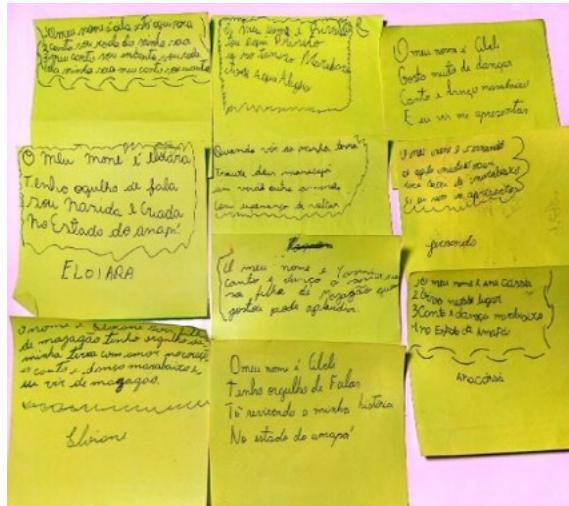
Fonte: Arquivo pessoal dos autores, 2024.

As crianças aprendem muito nas oficina, durante a percussão de Marabaixo, foi possível observar que elas vão criando habilidade com os instrumentos aprendem a valorizar as tradições e a finalidade que as caixas e os tambores têm com a história e a cultura de Mazagão Velho. É lindo vê os olhinhos brilhando e a vontade de tocar a caixa, entendem também que tocar a caixa é coisa séria e precisa ter responsabilidade e zelo com os instrumentos. Vivenciam os saberes culturais no tocar das caixas e tambores, no canto e na dança de marabaixo e batuque. Assim, vão construindo a sua identidade. Assim, conforme, Hall (2019), a construção da identidade do indivíduo começa na interação com o outro e com a cultura, tornando a identidade o elo que liga o eu interno ao externo.

Nesse sentido, elas vão construindo o conhecimento histórico e cultural, uma vez que a identidade cultural, recobre uma realidade muito complexa que englobam fatores como: históricos, culturais e raciais. Munanga (2019, p. 1) considera que o “processo de construção da identidade nasce a partir da tomada de consciência das diferenças entre “nós” e “outros”, [...] considerando que todos vivem em contexto socioculturais diferenciado”.

Vale mencionar que a oficina de canto e dança de Marabaixo completou a semana e encerramento das oficinas. Nessa oficina as crianças trabalharam a escrita e a leitura, foram utilizados materiais com; lápis, canetas e papel A4 e caixas de marabaixo, as orientações foram dadas pelo oficineiro J.V. e o desafio era, produzir ladrões (versos) de marabaixo. Como mostra a imagem abaixo, das produções dos versos dos ladrões que as crianças produziram na oficina.

Figura 12 – Produção de ladrões de marabaixo



Fonte: Arquivo pessoal dos autores, 2024.

Figura 13 – Ensaio dos ladrões de marabaixo



Fonte: Arquivo pessoal dos autores, 2024.

Durante os ensaios as crianças tiveram dificuldades para encaixar o verso com a melodia, foram vários ensaios, mas, logo entraram no clima da música. Assim, o ensaio das crianças participantes virou uma grande festa, elas soltaram a voz, conforme o refrão de marabaixo que diz; “*Eu vou eu vou, eu vou pra lá, ao som dessa caixa eu vou, marabaixo dançar*”. Assim, seguiram e a cada refrão cantado, um jogava seu ladrão:

O meu nome é Rivaldo tô aqui pra me mostrar eu só danço marabaixo é pra gente se alegrar (Oh Nego, 10 anos).

Quando eu vim da minha Terra trouxe dois maracujás, um verde outro amarelo com a esperança de voltar (Talina, 10 anos).

O meu nome é Aila, estou aqui para cantar, no rodar da minha saia meu canto vou encantar (Açucena, 12 anos).

Meu nome é Ana Cássia, gosto muito desse lugar, canto e danço marabaixo no Estado do Amapá (Moça Morena, 10 anos).

O meu nome é Cibeli gosto muito de dançar, canto e danço marabaixo e eu vim me apresentar (Cafuza, 12 anos).

As oficinas constituíram espaços privilegiados de interação e aprendizagem para as crianças, possibilitando a vivência e a valorização de práticas culturais locais. Nesse contexto, destacou-se a escrita dos ladrões de marabaixo, cuja elaboração partiu da identificação do próprio nome das crianças, servindo como ponto inicial para o exercício de criação textual. A experiência revelou não apenas o desenvolvimento de habilidades linguísticas e poéticas – ao compreenderem que os ladrões demandam uma estrutura e organização rítmica –, mas também a emergência de um sentimento de pertencimento ao universo cultural mazaganense.

O pertencimento, conforme Bauman (2021), refere-se ao vínculo que conecta o indivíduo a um grupo, oferecendo-lhe segurança identitária. Para Tuan (2015), tal sentimento está ligado à experiência do lugar, em que práticas culturais constroem referências de reconhecimento coletivo. Hall (2019), por sua vez, entende a identidade como um processo em constante construção, no qual o pertencimento cultural atua como elemento central. Assim, as oficinas, ao articularem expressão literária e tradição cultural, favoreceram tanto o aprendizado formal quanto a construção identitária das crianças.

Sobre as cantigas de marabaixo, nos revelam uma riqueza cultural baseada no improviso e nas múltiplas funções de comunicação centrada na literatura e na identidade afrodescendente do Amapá. De acordo com J.V., nos anos de 1960, os ladrões eram cantados pelos pioneiros ilustres, alguns já partiram, como o saudoso senhor Bilo Nunes, dona Odacina e entre outros mazaganenses. ele preocupado com a importância continuidade e preservação das tradições. A partir dos anos de 1975, 1975 e anos de 1980, uma juventude liderada pelo J.V. começa um trabalho voltado para a continuidade da cultura de Mazagão Velho, conforme depoimento de J.V., 57 anos.

Durante a década de 1960, a cultura local era dirigida pelos membros mais antigos da comunidade. Somente os pioneiros produziam e tocavam instrumentos, cantavam e dançavam Marabaixo e batuque. Por volta de 1975, o senhor Memézio e sua esposa, Dona Odacina, me conduziram ao universo cultural das celebrações culturais de Mazagão Velho. Começa então, uma nova história de envolvimento dos jovens nos saberes culturais, uma batalha para fazê-los entender da necessidade de repassar os saberes para os mais jovens para que a cultura não desaparecesse, e atualmente ainda encontramos resistência por conta da apropriação dos saberes culturais [...] (J.V., Depoimento em 14.10.2024).

O relato de J.V., nos traz uma perspectiva valiosa sobre a dinâmica cultural em Mazagão Velho ao longo das décadas. Percebe-se claramente a restrição e resistência na transmissão dos saberes para as novas gerações. Ele acredita que o envolvimento dos jovens fortalece positivamente na salvaguarda do Marabaixo e do batuque. Essa batalha para engajar a juventude revela um desafio constante na manutenção das tradições. Com a partida dos mais antigos, os saberes estavam se perdendo. Por essa razão, J.V. ao longo dos anos vem promovendo um trabalho com oficinas e palestras sobre os saberes para a manutenção da cultura de Mazagão Velho e da Amazônia amapaense. Diante deste contexto, acredita-se que o depoimento de J.V. é um chamado à ação e à reflexão sobre a importância da memória e da continuidade cultural.

3.3 Os Saberes das crianças nas Expressões de Pertencimento

“Amigos cheguem aqui vou cantar pra vocês este é Mazagão Velho que tem festa todo mês”.

“Em janeiro dia 10 tem festa de São Gonçalo, 23 é nossa Vila que está de aniversário”.

A partir dos ladrões de Marabaixo, acima citados, um convite direto para as manifestações culturais que são realizadas e apreciadas na comunidade, através do ritmo empolgante do ladrão de marabaixo, daremos início às categorias de análises que versam sobre saberes nas expressões de pertencimento, saberes da história e saberes culturais das crianças de Mazagão Velho-AP.

As manifestações culturais de Mazagão Velho, particularmente expressas por meio do marabaixo, configuram-se como práticas de resistência, memória e produção de identidade coletiva. Os versos entoados nos chamados ladrões de marabaixo, como no trecho “Amigos cheguem aqui vou cantar pra vocês este é Mazagão Velho que tem festa todo mês”, funcionam como convites diretos às manifestações culturais e, ao mesmo tempo, como registro oral da vida comunitária. Nesse sentido, o marabaixo pode ser compreendido como um calendário festivo transmitido pela oralidade, que estrutura a vida social, cultural e religiosa da comunidade.

A partir desse refrão, inauguram-se categorias de análise que tratam dos saberes de pertencimento, dos saberes da história e dos saberes culturais das crianças de Mazagão Velho. A primeira roda de conversa com as crianças participantes ocorreu

em uma manhã de terça-feira, após a semana das oficinas dos saberes, na Escola Agostinha Maria, situada na Rodovia Mazagão Velho, no município de Mazagão, estado do Amapá. O contato inicial deu-se por meio de uma roda de conversa, precedida pela contação da história da fundação de Mazagão Velho, realizada por J.V., a partir de narrativas orais entremeadas por versos de marabaixo. Durante a roda, as crianças sentaram lado a lado para ouvir a história da vila e das festividades culturais, cantadas na voz de J.V.

Figura 14 – 1^a Roda de Contação de História sobre Mazagão Velho



Fonte: Acervo pessoal dos autores, 2024.

Logo, as crianças entraram no ritmo e acompanharam o refrão “meu Mazagão do coração tem o marabaixo que é animação”. Em seguida, J.V. pediu que elas cantassem os versos que haviam produzido durante a oficina de canto e dança, mas, em um primeiro momento, mostraram-se envergonhadas. Com o desenrolar da dinâmica, entretanto, foram se envolvendo e participando da roda.

Figura 15 – Roda de percussão marabaixo e batuque



Fonte: Acervo pessoal dos autores, 2024.

As letras de marabaixo relatam o calendário festivo da comunidade, com celebrações ao longo de todo o ano, algumas organizadas pela igreja e outras pela própria coletividade. Durante a contação, a interação entre J.V. e as crianças foi imediata e espontânea, fortalecida pelo fato de ele ser uma referência cultural na comunidade. Entre olhares e risos, o processo envolveu cantos tradicionais, como o refrão da lenda da cobra chítá: “se é mentira ou verdade, eu não sei o que dizer, eu só sei que me contaram e euuento para vocês, tia Ana criava uma cobra que se chamava chítá, se ela é viva ou é morta, ninguém sabe onde ela está”. O mito foi construído coletivamente, alternando a voz do contador com as intervenções das crianças.

A seguir, alguns excertos das falas infantis revelam o aprendizado e o intercâmbio de saberes no CCRM:

Sim, a gente já cantou, a gente já dançou e já ensaiou com o Jozué. Ele nos ensina lá no Centro a dançar, tocar caixa de marabaixo, batuque e outras coisas (Curica, 10 anos).

Sim, eu já aprendi a tocar caixa de marabaixo, cantar, jogar os versos eu não sei bem. E tipo, lá no Centro tem a torração do cacau e beju de tapioca, essas coisas todas (Lelê, 10 anos).

Aprendi a tocar a caixa de marabaixo no Centro, eu tenho roupa de marabaixo, eu danço e toco caixa de marabaixo (Oh Nego, 10 anos).

As falas evidenciam que a roda de conversa é uma ferramenta metodológica importante para promover oralidade, escuta e interação. Além disso, revelam a relevância das oficinas como estratégias para desenvolver o conhecimento histórico, cultural e social das crianças acerca da história de Mazagão Velho. Conforme Loureiro (1995), a cultura amazônica está profundamente marcada pela oralidade como forma de transmissão histórica e artística, e, nesse sentido, Mazagão Velho reafirma sua vitalidade cultural por meio de seus mantenedores.

Ao serem questionadas sobre a história de Mazagão Velho, as crianças apresentaram respostas que refletem consciência histórica e pertencimento:

Minha professora no 3º ano explicou que nós viemos da África e que a gente aqui em Mazagão Velho é rico de cultura (Cafuza, 12 anos).

Mazagão Velho foi fundada em 23 de janeiro de 1770, famílias que vieram da África” (Lírio Verde, 10 anos).

Mazagão Velho é a raiz da nossa cultura, de nossa História, do nosso povo, e o marabaixo é a nossa História, que nós viemos da África, que nosso povo tem cultura e fé. Nossa trajetória do passado e do futuro vem da cultura, e assim deve ser até o resto de nossas vidas (Cafuza, 12 anos).

Gosto muito de morar aqui, gosto das festas de São Tiago e do Divino Espírito Santo. Minha família é daqui e gosta de morar aqui (Rosa Branca, 12 anos).

Mazagão Velho é uma cidade cultural, tem muitas festas, eu sou de Mazagão Velho (Talina, 10 anos).

Mesmo aquelas que não se expressaram verbalmente demonstraram, por meio de olhares e gestos, engajamento com as narrativas. As falas e expressões corporais evidenciam que as crianças aprendem desde cedo a valorizar as manifestações culturais e religiosas da comunidade, apropriando-se dos saberes ao imitar os adultos nas festividades de marabaixo e batuque.

A primeira roda de conversa foi concluída ao som dos instrumentos – caixa de marabaixo, tambor de batuque, taboca e pandeiro confeccionado com material reciclável. As crianças interagiram e encerraram a atividade com o canto: “Chegou, chegou à festa da Piedade, chegou, chegou à festa da Piedade, dia 11 de julho é o dia da chegada”. Como afirma Silva (2005, p. 136): “O ritmo das palavras é o ritmo dos instrumentos de percussão. O som dos tambores é linguagem: é a palavra dos antepassados, que falam através deles fixando os ritmos fundamentais”.

A segunda roda de conversa foi dedicada à produção de desenhos livres, nos quais as crianças expressaram vivências, sentimentos e percepções acerca das oficinas, instrumentos e atividades do CCRM.

Eu desenhei a Igreja Nossa Senhora da Assunção, o monumento em frente à igreja, com as estátuas dos padres, árvores de manga, e pessoas dançando marabaixo na porta da igreja (Cafuza, 12 anos).

Inicialmente, algumas relataram dificuldades: “não sei desenhar direito”, mas, após incentivo, passaram a registrar elementos culturais e lugares significativos, como a igreja Nossa Senhora da Assunção de Mazagão Velho:

Figura 16 – Desenho da igreja N.S. da Assunção de Mazagão Velho, feito por uma participante



Fonte: Arquivo pessoal dos autores, 2024.

Esses registros gráficos revelam a apropriação das crianças sobre os símbolos e referências culturais de Mazagão Velho, bem como sentimentos de pertencimento e amor à comunidade. De acordo com Munanga (2019), a construção da identidade cultural nasce da consciência histórica e do sentimento de pertença à ancestralidade. Moura (2012, p. 69) acrescenta que “a vida nas comunidades negras rurais é

intercalada por sons dos instrumentos de trabalho no campo e batidas de tambores nas festas, percussões que contam histórias, lutas, alegrias e tristezas do povo negro”.

A terceira roda de conversa organizou, junto às crianças, um painel de fotografias com imagens dos lugares e instrumentos de percussão do marabaixo.

Figura 17 - Painel de fotografias: saberes culturais de Mazagão Velho



Fonte: Acervo pessoal dos autores, 2024.

Ao serem questionadas sobre as oficinas no CCRM, reforçaram:

Sim, a gente já cantou, a gente já dançou e já ensaiou com o Jozué, e ele nos ensina lá no Centro a dançar, tocar caixa de marabaixo, batuque e outras coisas (Curica, 10 anos).

Sim, eu já aprendi a tocar caixa de marabaixo e cantar, jogar os versos eu não sei bem. Lá no Centro tem a torração do cacau e fazer beiju de tapioca, essas coisas todas (Lelê, 10 anos).

As falas de Curica e Lelê evidenciam que o CCRM é espaço de múltiplos saberes, articulando dimensões musicais, religiosas, gastronômicas e festivas. Sob a orientação de mestres como J.V., as crianças se apropriam dos elementos tradicionais, assegurando a continuidade da cultura local.

É importante registrar as tensões vividas. A interrupção das atividades do CCRM foi apontada por uma criança que disse: “a gente parou de vir porque não tinha mais ensaio”, revelando a fragilidade da continuidade cultural diante da ausência de recursos e apoio institucional. Ao mesmo tempo, problematizar, sob uma perspectiva decolonial, o fato de que nem todos os jovens demonstram interesse em participar das atividades culturais.

Muitos relatam sentir-se deslocados ou distantes da tradição, carregando sentimentos de vergonha, timidez e a percepção de não mais se reconhecerem na cultura de seus pais. Esses afastamentos não podem ser lidos apenas como escolhas individuais, mas como efeitos de processos mais amplos de silenciamento e subalternização cultural, marcados pelo racismo estrutural e pela intolerância religiosa que atravessam a sociedade brasileira. Como lembra Fanon (2008), o racismo não apenas marginaliza, mas também afeta subjetividades, produzindo alienação cultural e fragilizando vínculos identitários.

Nesse contexto, é possível compreender que o não pertencimento declarado por alguns jovens não se limita ao âmbito pessoal, mas está imerso em relações históricas de poder que inferiorizam práticas negras e tradicionais. Hall (2019) destaca que a identidade cultural não é fixa, mas um processo de constante negociação, marcado por tensões, rupturas e reinscrições. Assim, quando jovens se afastam do marabaixo por não se sentirem pertencentes, isso traduz não apenas um dilema geracional, mas também os impactos das disputas simbólicas que colocam em oposição a cultura dominante e as tradições afro-amazônicas.

No entanto, mesmo diante dessas adversidades, a resistência juvenil se expressa de forma significativa. Um participante, por exemplo, afirmou: “mesmo sem ensaio, eu canto em casa com minha família”. Essa fala, aparentemente simples, carrega um profundo gesto de insurgência cultural: reafirma que o marabaixo, enquanto prática viva, não se restringe ao espaço institucional das oficinas, mas se prolonga nos quintais, nas casas e na memória coletiva.

Essa continuidade revela que a tradição, ainda que tensionada por processos de exclusão e desvalorização, permanece marcada pela disputa, pela memória e pela permanência. Assim, o marabaixo torna-se símbolo de resistência contra o apagamento cultural e testemunho da força de uma herança que se reinventa no cotidiano, garantindo às novas gerações um espaço de reapropriação e identidade.

Portanto, a pesquisa demonstra que as rodas de conversa, as oficinas e as atividades artísticas desenvolvidas pelo CCRM configuraram-se como ferramentas de extrema importância para a preservação e transmissão da cultura mazaganense. Apesar das dificuldades enfrentadas pela interrupção de atividades em alguns períodos, observa-se que a resistência das crianças e jovens em manter viva a tradição representa um movimento de afirmação identitária e continuidade histórica, consolidando Mazagão Velho como território cultural, pedagógico e de pertencimento.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar o protagonismo infantil no CCRM, em Mazagão Velho, observa-se que as oficinas se configuraram como instrumentos pedagógicos e socioculturais fundamentais para a construção identitária e para o desenvolvimento do conhecimento histórico, cultural e social das crianças acerca da trajetória da comunidade. Nesse contexto, o CCRM se afirma como espaço de memória e

resistência, oferecendo às novas gerações um ambiente formativo que possibilita a vivência, a experimentação e o fortalecimento de vínculos com a ancestralidade africana. Tal dinâmica contribui diretamente para processos de autoafirmação e valorização da identidade negra das crianças mazaganenses.

Os relatos infantis evidenciam que o CCRM é percebido como um espaço de vivência cultural marcado pela vitalidade e pela interação coletiva, onde o marabaixo se manifesta de forma concreta por meio da música, da dança e da improvisação de versos. Trata-se, portanto, de um espaço de aprendizado que transcende o aspecto instrucional, assumindo caráter lúdico, afetivo e de socialização. Particularmente nas oficinas de percussão, as crianças desenvolvem habilidades instrumentais, ao mesmo tempo em que internalizam o valor simbólico das caixas e dos tambores como elementos históricos e culturais da comunidade.

As falas das crianças funcionam como testemunhos significativos da importância do Grupo Raízes do Marabaixo enquanto elo com a história, a cultura e a identidade locais. Nessas narrativas, emergem aprendizagens relacionadas à memória coletiva, aos antepassados e à ancestralidade africana que permeia a formação cultural da região. Tais expressões infantis traduzem orgulho e pertencimento, reconhecendo a herança africana como dimensão constitutiva de sua identidade e atribuindo ao marabaixo e ao batuque a função de manter viva uma tradição de resistência e continuidade cultural. Dessa forma, a participação infantil no grupo assume papel central na conexão com as raízes históricas e na consolidação da identidade cultural.

Os depoimentos também revelam que o CCRM é concebido pelas crianças como ponto de referência para os saberes culturais de Mazagão Velho. Nas suas falas, nota-se não apenas amor e afeto, mas também certa nostalgia em relação ao espaço, considerando os desafios enfrentados, como o desgaste físico e a paralisação de algumas atividades socioculturais. Esse sentimento revela a consciência precoce da relevância do CCRM enquanto patrimônio cultural coletivo.

As análises apontam, portanto, que o CCRM representa um lócus privilegiado de produção, transmissão e ressignificação de conhecimentos culturais. No âmbito do grupo infantil Raízes do Marabaixo, evidencia-se que as crianças compreendem, ainda em fase inicial de formação, a importância de preservar e valorizar o centro como espaço educativo, cultural e identitário. Suas falas, carregadas de autenticidade, pureza e consciência cultural, demonstram respeito pelas tradições e um forte apreço pelas raízes do marabaixo, reconhecendo que tais práticas carregam a história e a identidade do povo mazaganense.

Nesse sentido, o CCRM pode ser compreendido como expressão da “cultura popular”, em diálogo com o movimento dos Centros Populares de Cultura (CPC) e dos Movimentos de Cultura Popular (MCP) que emergiram no Brasil na década de 1960, no contexto das mobilizações sociais lideradas por intelectuais, estudantes e trabalhadores. Assim, o CCRM transcende o caráter de espaço cultural local para assumir um papel estratégico na afirmação da identidade negra na região, ancorado nas heranças culturais, religiosas e históricas de matriz africana e afro-brasileira,

reafirmando sua importância como espaço de resistência, memória e continuidade cultural.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Cláudia Patrícia Nunes. **Um inventário arquivístico do Ciclo do Marabaixo:** vestígios de resistência da cultura afro-amapaense. 2024. Tese (Doutorado) – Curso de Ensino, Universidade do Vale do Taquari - Univates, Lajeado, 2024. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10737/4848>. Acesso em: 22 set. 2025.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade:** entrevista a Benedetto Vecchi / Zygmunt Bauman; tradução Carlos Alberto Medeiros; [introdução de Benedetto Vecchi]. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** São Paulo, SP: Edições 70, 2016.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura.** 2. ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2019.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Saber e ensinar:** três estudos de educação popular. 3. ed. Campinas: Papirus, 1986.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Educação Popular na Escola Cidadã.** Vozes, Petrópolis, 2000.
- CUSTÓDIO, Elivaldo Serrão; FOSTER, Eugénia da Luz Silva (org). **Olhares indagativos sobre práticas racistas na escola e caminhos de superação.** Rio de Janeiro: e-Publicar, 2023.
- FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FOSTER, Eugénia da Luz Silva; CUSTÓDIO, Elivaldo Serrão (org). **Vozes, saberes e resistências cotidianas na educação para as relações étnico-raciais.** 1. ed. Curitiba: Appris, 2024.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 54. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2016.
- FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade.** 47.ed. atual - São Paulo: Paz e Terra, 2020.
- GOMES, Carlos Augusto; GOMES, Álvaro de Jesus. **Luz:** Banda Placa. Macapá, 2019.
- HAMPATÉ BÂ, Amadou. Tradição viva. In: ZERBO, Joseph K (org.). **História geral da África I.** Brasília: MEC/Unesco, 2010.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: Lamparina, 2019.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2017.

HOOKS, Bell. **Olhares negros**: raça e representação. São Paulo: Elefante, 2019.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2017.

MADUREIRA, Daniel de Nazaré de Souza. **Marabaixo e seus “ladrões”**: a história afroamapaense sintetizada no cancioneiro popular como elemento fomentador de estudos literários. 2019. 112f. Dissertação (Mestrado em Ciências) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica - RJ, 2019. Disponível em: <https://tede.ufrrj.br/jspui/bitstream/jspui/5182/2/2019%20-%20Daniel%20de%20Nazar%c3%a9%20de%20S.%20Madureira.pdf>. Acesso em: 22 set. 2025.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**: Teoria, método e criatividade. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

MOURA, Gloria. **Festas dos quilombos**; Lamberto Scipioni, fotos. Brasília: Universidade de Brasília, 2012.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude-Nova Edição**: Usos e sentidos. Autêntica Editora, 2019.

NOGUEIRA, Sidnei. **Intolerância religiosa**. São Paulo: Pólen, 2020.

PINHEIRO, Angleson Pantoja. **A cultura de Mazagão Velho e a festa de São Tiago das crianças são joias raras**: a construção da identidade cultural mazaganense a partir da festa de São Tiago Mirim, Mazagão Velho-AP. 2023. 161 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2023. Disponível em: https://www2.unifap.br/ppged/files/2023/08/Dissertacao_ANGLESON-PANTOJA-PINHEIRO_V._final.pdf. Acesso em: 12 jan. 2024.

SEVERO, José Leonardo Rolim de Lima. Educação não escolar como campo de práticas pedagógicas. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 96, p. 561-576, 2015.

SILVA, Maria José Lopes da. As artes e a diversidade étnico-cultural na escola básica. In: MUNANGA, Kabengele, (org.). **Superando o Racismo na escola**. Brasília: 2005.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: uma perspectiva da experiência. Londrina: Eduel, 2015.

VIDEIRA, Piedade Lino. O Marabaixo do Amapá: encontro de saberes, histórias e memórias afro-amapaenses. **Revista Palmares**, Brasília, v. 10, n. 8, p. 16-21, 2014.

VIDEIRA, Piedade Lino. **Marabaixo, dança afrodescendente**: significando a identidade étnica do negro amapaense 2. ed. - Curitiba: Brazil Publishing, 2020.